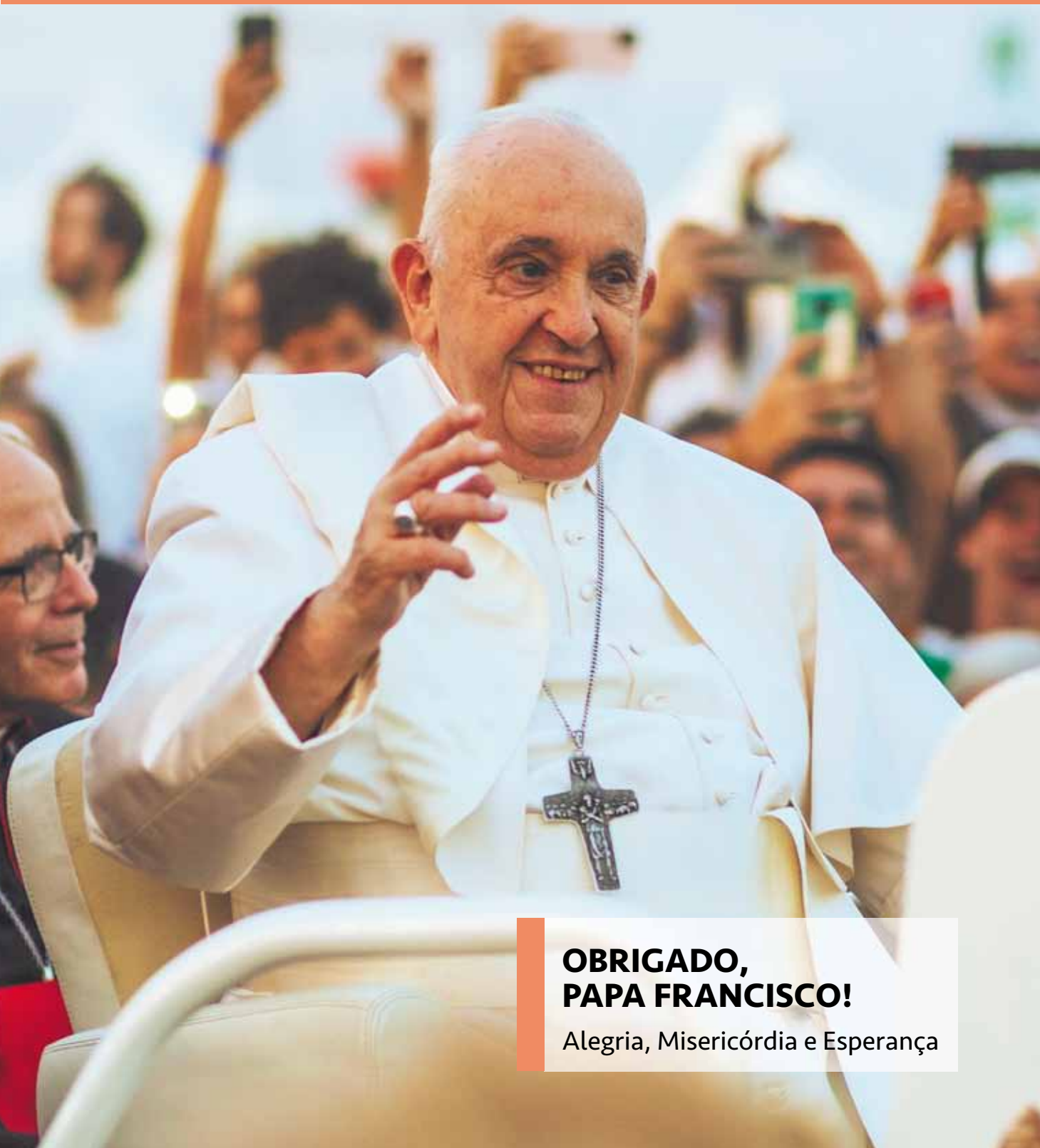
BOA NOVA

Atualidade Missionária

ANO CI | **N.º 1140** | **MAIO 2025** | AVULSO 2,50€ (IVA INCLUÍDO) | PUBLICAÇÃO MENSAL



OBRIGADO, PAPA FRANCISCO!

Alegria, Misericórdia e Esperança

FICHA TÉCNICA

BOA NOVA

Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

E-mail: boanovarevam@mail.telepac.pt
Site: **revista.boanova.pt**
Tel.: 256899350 (Administração e Redação)

Sede do editor: Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Sede da Redação: Apartado 40
3721-908 Vila de Cucujães | Portugal

Revista dos MISSIONÁRIOS DA BOA NOVA

Publicação Mensal

Ano CI | N.º 1140 | **maio 2025**

Historial: Com o nome de "O Missionário Católico" entre os anos 1924-1970

Depósito Legal: n.º 3725/83

ISSN 0870-7626 – Registo n.º 101474

Proprietário: **Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, ou, simplesmente, Sociedade Missionária da Boa Nova**
- Rua da Bempostinha, 30 - 1150-066 LISBOA

Contribuinte N.º 500 261 431

Administração: **Editorial Missões**

Diretor e coordenador: **Rui Ferreira**

Diretora Adjunta: **Eva Dias**

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Equipa redatorial: **Rui Ferreira, José Manuel Lima, Joaquim Pinho, Letícia Amorim, Eva Dias e Diana Salgado**

Colaboradores permanentes: **Jerónimo Nunes (América Latina), José Guedes (África) e Tiago Tomás (Ásia)**

Colaboradores assíduos: **Aires Gameiro, Artur de Matos, Sérgio Cabral, Augusto Farias**

Design gráfico: **Bruno Campos e Letícia Amorim**

PDF: **Álvaro Silva**

Institutos Missionários ligados à BOA NOVA: **Franciscanas Missionárias de Maria * Irmãos de S. João de Deus * Associação das Missionárias da Boa Nova * Leigos Boa Nova**

Sede do impressor: **Gráfica Diário do Minho, Lda.**
Rua de S. Brás, 1
4710-079 Gualtar - Braga
producao@diariodominho.pt

Tiragem: **5.600 exemplares**

Assinatura anual: ..... 18,00 €
Assinatura anual de Amigo: ..... 25,00 €
Assinatura anual de Benemérito: ..... 50,00 €
Número Avulso: **2,50 € (inclui IVA à taxa legal)**

A Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas exerce a sua atividade sem fins lucrativos.

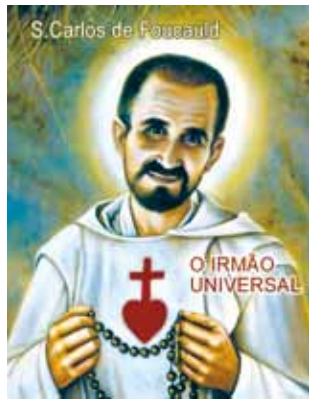
CAPA: **Sérgio Cabral** (arranjo gráfico). Foto: Duarte Antunes/JMJ Lisboa. *Chegada do Papa Francisco ao Campo da Graça para a Vigília com os jovens, na JMJ de Lisboa 2023.*

CONTRACAPA: **José Manuel Lima** (arranjo gráfico)

MISSÃO PRESS

Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Editorial Missões
ADQUIRA BONS LIVROS



2,80 €



2,80 €

Dois Santos de tempos diferentes, mas com a mesma Paixão por Jesus.

O PAGAMENTO DA **BOA NOVA**
PODE SER FEITO ATRAVÉS
DE CHEQUE, VALE DO CORREIO
OU TRANSFERÊNCIA BANCÁRIA

Através de transferência bancária:
Nacional – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Banco Santander
Estrangeiro – IBAN: PT 50 0018 0003 2047 5182 02032
Swift/BIC: TotaPTPL – Banco Santander

Se fizer o pagamento por transferência bancária, deverá avisar a revista Boa Nova por telefone (256 899 350), ou e-mail (boanovarevam@mail.telepac.pt), dando-nos conta da operação realizada e indicando o nome do titular da conta e a assinatura que paga.

A assinatura anual da Boa Nova, em 2025, é de 18,00 €.

O Papa da Alegria, da Misericórdia e da Esperança

◊ **Pe. Rui Ferreira, diretor**

Francisco, o Papa da alegria, da misericórdia e da esperança, tal como Jesus, com gestos e palavras, passou fazendo o bem e abrasou os nossos corações. Em 2013, vivi em Pemba, na Paróquia de Maria Auxiliadora, como estagiário. Foi um ano memorável, em que encarnei numa Igreja pobre, para os pobres, com os pobres.
No dia 13 de março, foi eleito Jorge Mario Bergoglio, primeiro Papa americano, jesuíta e do hemisfério sul. Vindo do fim do mundo, antes de dar a primeira bênção apostólica, inclinou-se diante do povo e pediu que em silêncio rezássemos por ele.

A primeira realidade notável do Pontificado de Francisco é a alegria... *A Alegria do Evangelho* (2013) que enche o coração e a vida inteira dos que se encontram com Jesus, fonte de conversão missionária para toda a Igreja; *A Alegria do Amor* (2016) que se vive nas famílias é também o júbilo da Igreja; *Alegrai-vos e Exultai* (2018) fazendo ressoar uma vez mais a chamada à santidade no mundo atual.

A misericórdia é outra realidade nuclear no ministério de Francisco, sendo esta, para ele, a mensagem mais importante de Jesus: «Deus nunca se cansa de perdoar». A misericórdia infinita de Deus que nos desafia a cuidarmos uns dos outros com ternura, proximidade e compaixão, especialmente dos mais frágeis, de todas as criaturas e da criação, a nossa casa comum (*Laudato Si'*, 2015). Ela é também o fundamento da fraternidade universal e da amizade social (*Fratelli Tutti*, 2021) entre todos, pois todos somos irmãos. Foi o Pastor incansável que procurou curar as feridas da humanidade com o bálsamo da misericórdia, levando a Igreja a uma constante saída missionária.

Por fim, num mundo mergulhado nas trevas, quis deixar-nos a âncora da esperança que não engana, porque o Amor tudo vence. Na sua fragilidade, brilhou o poder de Deus: «aqui está a maior esperança da nossa vida: podemos viver esta existência pobre, frágil e ferida agarrados a Cristo, porque Ele venceu a morte, vence a nossa escuridão e vencerá as trevas do mundo, para nos fazer viver com Ele na alegria, para sempre». Obrigado por tudo, querido Papa Francisco!

revistaboanova1924@gmail.com

03 **PÓRTICO**
O Papa da Alegria, da Misericórdia e da Esperança

05 **PEREGRINOS DA ESPERANÇA**
Convosco, Senhor, tudo é novo. Convosco, tudo recomeça

06 **MEMORIAL**
O Ano Santo nas páginas da Boa Nova

08 **LINHA DA FRENTE**
Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês (Jo 20, 21)

12 **ZOOM MENSAGEM**
Insondável (Sabedoria 9,13)

14 **PÉS A CAMINHO**
Pe. Ricardo Marques: «Devemos entender a Igreja como uma família, uma rede e não como uma paróquia isolada»

18 **MISSÃO PRESS**
Cântico das Criaturas celebra 800 anos

20 **1.º PLANO**
Américo Lisboa Azevedo: "Uma Igreja sem os doentes não tem rosto de Cristo"

28 **IDE**
Um Bispo nas periferias como missionário

32 **FAMÍLIA BOA NOVA**

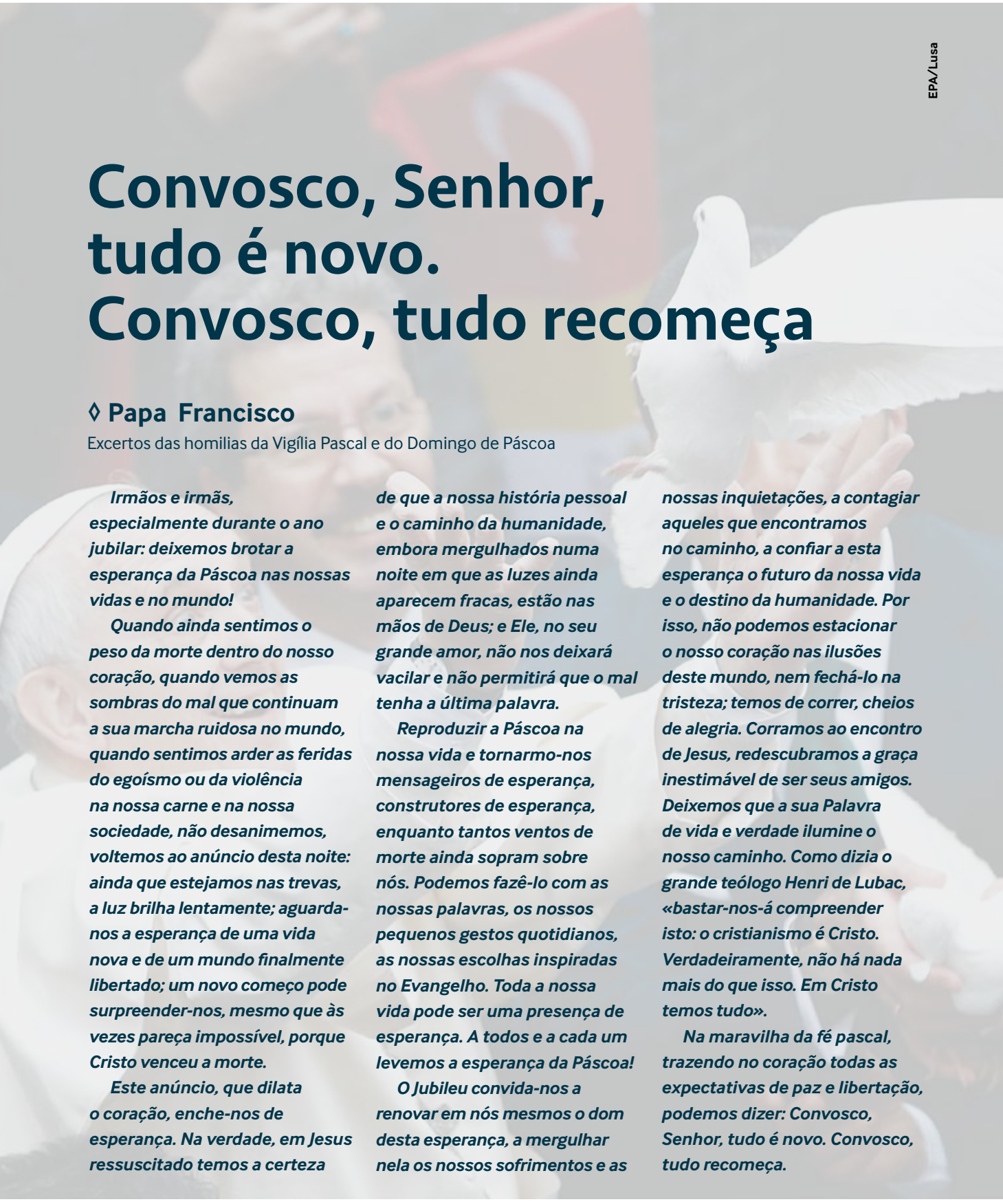
33 **BOA NOVA DIGITAL**

34 **MÃOS ABERTAS**

35 **COOPERAÇÃO BOA NOVA**

36 **FAMÍLIA BOA NOVA**
Acabaram as Missões?

38 **AO DE LEVE**



EPA/Lusa

Convosco, Senhor, tudo é novo. Convosco, tudo recomeça

◊ **Papa Francisco**

Excertos das homilias da Vigília Pascal e do Domingo de Páscoa

Irmãos e irmãs, especialmente durante o ano jubilar: deixemos brotar a esperança da Páscoa nas nossas vidas e no mundo!

Quando ainda sentimos o peso da morte dentro do nosso coração, quando vemos as sombras do mal que continuam a sua marcha ruidosa no mundo, quando sentimos arder as feridas do egoísmo ou da violência na nossa carne e na nossa sociedade, não desanimemos, voltemos ao anúncio desta noite: ainda que estejamos nas trevas, a luz brilha lentamente; aguarda-nos a esperança de uma vida nova e de um mundo finalmente libertado; um novo começo pode surpreender-nos, mesmo que às vezes pareça impossível, porque Cristo venceu a morte.

Este anúncio, que dilata o coração, enche-nos de esperança. Na verdade, em Jesus ressuscitado temos a certeza de que a nossa história pessoal e o caminho da humanidade, embora mergulhados numa noite em que as luzes ainda aparecem fracas, estão nas mãos de Deus; e Ele, no seu grande amor, não nos deixará vacilar e não permitirá que o mal tenha a última palavra.

Reproduzir a Páscoa na nossa vida e tornarmo-nos mensageiros de esperança, construtores de esperança, enquanto tantos ventos de morte ainda sopram sobre nós. Podemos fazê-lo com as nossas palavras, os nossos pequenos gestos quotidianos, as nossas escolhas inspiradas no Evangelho. Toda a nossa vida pode ser uma presença de esperança. A todos e a cada um levemos a esperança da Páscoa!

O Jubileu convida-nos a renovar em nós mesmos o dom desta esperança, a mergulhar nela os nossos sofrimentos e as nossas inquietações, a contagiar aqueles que encontramos no caminho, a confiar a esta esperança o futuro da nossa vida e o destino da humanidade. Por isso, não podemos estacionar o nosso coração nas ilusões deste mundo, nem fechá-lo na tristeza; temos de correr, cheios de alegria. Corramos ao encontro de Jesus, redescubramos a graça inestimável de ser seus amigos. Deixemos que a sua Palavra de vida e verdade ilumine o nosso caminho. Como dizia o grande teólogo Henri de Lubac, «bastar-nos-á compreender isto: o cristianismo é Cristo. Verdadeiramente, não há nada mais do que isso. Em Cristo temos tudo».

Na maravilha da fé pascal, trazendo no coração todas as expectativas de paz e libertação, podemos dizer: Convosco, Senhor, tudo é novo. Convosco, tudo recomeça.



Fotos: Arquivo Boa Nova

O Ano Santo nas páginas da Boa Nova

◊ Eva Dias

Não obstante a mudança do título da revista para *Boa Nova Boa – revista de actualidade missionária*, em janeiro de 1970, a linha editorial da publicação manteve-se praticamente inalterada, com um conteúdo de caráter mais universal, alinhado com as orientações atualizadas da Igreja pós-conciliar. À semelhança de *O Missionário Católico*, também a Boa Nova fez eco dos jubileus nas suas páginas.

O ano de 1975 foi marcado pelo Ano Santo da Reconciliação, proclamado pelo Papa Paulo VI através da Carta Apostólica *Apostolorum Limina*, de 23 de maio de 1974. Em Portugal e nos territórios ultramarinos, a Revolução do 25 de abril de 1974 e os processos de independência de Moçambique e de Angola, em junho e novembro do ano seguinte, tornaram quase nulas as referências ao Jubileu da Reconciliação. Em março de 1975, a secção "Pedra no lago" apresentava o texto interpelativo "Como fazer o Ano Santo hoje?", com uma breve contextualização histórica do jubileu, concluindo com uma reflexão em torno do sentido da reconciliação num jubileu da atualidade (BN, ano LI, mar. 1975, p.19). Devedor deste Ano Santo foi o Congresso Internacional de Missionologia, que decorreu entre 5 e 12 de outubro em Roma, onde tomou parte o chefe de redação da revista e outros elementos da Sociedade Missionária, evento destacado na edição de dezembro (pp.20-24).

O primeiro jubileu do pontificado do Papa João Paulo II foi proclamado pela bula *Aperite portas Redemptori*, datada de 06 de janeiro de 1983. Este Ano Santo da Redenção assinalava o 1950.º aniversário do mistério pascal de Cristo e, ao contrário do Jubileu da Reconciliação, teve mais ampla divulgação nas páginas da Boa Nova, desde a inclusão dos eventos jubilares nos tempos fortes mensais, às referências temáticas nos encontros anuais da família



▲ **Texto relativo ao Jubileu da Reconciliação. Boa Nova, mar. 1975**



▲ **Artigo do Pe. Agostinho Rodrigues sobre o Ano Santo da Redenção. Boa Nova, out. 1983**



▲ **Excerto da bula de proclamação do Grande Jubileu do Ano 2000. Boa Nova, jan. 2000**

Boa Nova, passando pelas viagens de peregrinação dos "Amigos Boa Nova". Contudo, foram as edições do último trimestre do ano que deram maior destaque ao jubileu extraordinário. Como se pode verificar pelo artigo do Pe. Agostinho Rodrigues, intitulado "Ano Santo da Redenção. O que é? Como vivê-lo?" (ano LIX, n.º 691, out. 1983, pp.14-18); a reportagem sobre a II Semana Missionária Nacional, em Fátima, entre 26 e 30 de setembro, sob o tema "A Igreja Missionária ao serviço da Redenção dos Povos", momento para "reflectir sobre o modo de actualizar e fazer presente a Salvação de Cristo a todos os Homens" (n.º 692, nov. 1983, pp.21-24); e a breve biografia dos Padres Luís Versiglia e Calisto Caravário, dois missionários salesianos beatificados em 15 de maio de 1983, um dos eventos do Ano Santo (n.º 693, dez. 1983, pp.29-30).

O Grande Jubileu do Ano 2000, proclamado pela bula *Incarnationis Mysterium*, de 29 de março de 1998, foi um momento muito aguardado por toda a humanidade. Em cada edição da revista Boa Nova, a rubrica "Meditação" realçava algumas das áreas de reflexão do jubileu. A temática dos cristãos martirizados no século XX foi particularmente destacada, em concordância com o novo martirológio, em atualização, de modo a integrar os mártires daquele século. Assinalável é o número especial da Boa Nova de maio, intitulada "Os mártires do século XX", alinhada com a Comemoração ecuménica dos novos mártires, no dia 7 desse mês. Traduzido da publicação *Fêtes & Saisons* (n.º 538, out. 1999), com o patrocínio do secretariado da Ajuda à Igreja que Sofre, no verso da capa incluiu-se a memória dos mártires da SMBN. Esta memória foi inicialmente aflorada nas edições de janeiro e março, em conteúdos que recordavam a passagem dos 15 anos do martírio do Ir. Artur Paredes, em Angola. •

► **Pe. Afonso Chivela, angolano, é Missionário da Boa Nova no Brasil, desde 2014, onde procura evangelizar não só com palavras, mas com a vida**

Assim como o Pai me enviou, eu também envio vocês (Jo 20, 21)

O Pe. Afonso Chivela, natural de Angola, é missionário no Brasil desde 2014, onde concluiu a sua formação sacerdotal. Após vários anos em Sete Quedas, no Mato Grosso do Sul, desde o dia 18 de fevereiro é pároco de Nossa Senhora da Piedade de Peraopeba, na Forania São Caetano, Região Nossa Senhora do Rosário, na Arquidiocese de Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. *N.R.*

◊ **Pe. Afonso Gomes Chivela**
Missionário da Boa Nova no Brasil

A vida missionária é um chamado de Deus, é uma vocação especial que Deus faz a cada um de nós. Entretanto, o missionário é aquele que assumiu uma incumbência de missão, ou seja, de exercer uma determinada tarefa, como disse, o próprio Jesus na narrativa de Lucas, a messe é grande, mas os trabalhadores são poucos (Lc 10,2).

Na verdade, todo cristão batizado(a) é chamado a ser missionário(a), como disse Jesus: "Ide pelo mundo inteiro e anunciai a boa nova a todas as criaturas" (Mc 16,15). Todavia,



Fotos: Boa Nova



▲ **Com o Pe. Anisberto Bonfim e um grupo de jovens, em Sete Quedas, Mato Grosso do Sul**



▲ **O missionário deseja anunciar a todos, sem distinção, a Boa Nova da salvação**

evangelizar não só com palavras, mas com a vida. Assim como disse São Francisco de Assis: "Pregue o Evangelho a todo tempo, se necessário use de palavras". Mas, é preciso entender que Deus chama em específico determinadas pessoas para doarem sua vida toda ao Evangelho e viverem pela missão. Portanto, ser missionário é aceitar a vontade de Deus e confiar no caminho que Ele direciona a cada missionário da Palavra de Deus. Jesus quando reuniu os seus apóstolos, os encorajou para que assumissem sua missão e trabalhassem em prol do anúncio da Boa Nova. Assim, faz o mesmo com quem é chamado à vida missionária. Conforme está escrito na sagrada escritura, os apóstolos tiveram que largar tudo para seguir Jesus. O chamado à vida missionária vem desde a nossa criação, como está escrito na profecia de Jeremias, "antes de te formar no ventre de sua mãe, eu o conheci... te consagrei, para fazer de você profeta das nações" (Jr 1,5). Assim, o desejo de propagar a boa notícia do Evangelho a todos irmãos e servir sobretudo com amor a Palavra de Deus.

Eu me chamo de Afonso Gomes Chivela, hoje padre missionário, e sou natural do município de Chongoroí, província de Benguela, Angola. Cheguei ao Brasil, em fevereiro de 2014, como estudante de teologia, a última etapa de formação presbiteral. Na verdade, nunca imaginei concluir a formação na América Latina, especialmente no Brasil, em Belo Horizonte, estado de Minas Gerais. Assim, terminando a formação em 2017, fui ordenado diácono, no dia 17 de dezembro do mesmo ano. Pela orientação do Superior Regional, Pe. José Armando Vicente, em fevereiro de 2018, fui enviado para a comunidade Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Sete Quedas, estado do Mato Grosso do Sul, para realizar estágio diaconal em preparação para ordenação presbiteral. Em outubro retornei a Angola, e, no dia 3 de novembro do mesmo ano, fui ordenado presbítero na paróquia de Santa Isabel, na Gabela, província do Kwanza Sul.

Em junho de 2019, recebi a nomeação de vigário paroquial para a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Sete Quedas, Mato Grosso do Sul. Encontrei o Pe. Isidro, como pároco na altura, morando sozinho; assim, nós dois, passamos a formar vida comunitária juntos, auxiliando nos trabalhos

pastorais na comunidade. A paróquia era constituída por oito comunidades: cinco capelas na área rural, ou seja, localizadas em assentamentos e fazendas: capela de Nossa Senhora Aparecida, Parque das Roseiras; capela de Nossa Senhora de Fátima, Moto Clube; capela de Nossa Senhora de Fátima, Vila Sulina; capela da Sagrada Família, Vila Miguel; capela de Santa Luzia, Vila de Santa Luzia; capela de São João Batista, Vila Carioca; capela de São José, Pirajuí. E duas capelas na área urbana: Nossa Senhora de Lourdes e São Paulo Apóstolo.

Em 16 de janeiro de 2021, tomei posse como pároco da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, Sete Quedas. No meio à turbulência da pandemia que afetou o mundo inteiro, fomos controlando a situação contando com auxílio de leigos(as), comprometidos com a missão. Os desafios após a pandemia são enormes, pois, além de grande número de mortes, tivemos leigos e leigas que não voltaram mais à Igreja.

Na verdade, na área rural tivemos comunidades que acabaram, pois muitos fiéis foram saindo das fazendas para área urbana procurando serviços para trabalhar ou para ganhar o pão de cada dia, sustento da própria vida. Entretanto, depois de ter vivido quase três anos sozinho e sem fazer a vida comunitária com ninguém, aqui em Sete Quedas, este ano [2024], em março, chegou o Pe. Anisberto Bonfim da Silva que foi nomeado vigário paroquial.



▲ **O Pe. Afonso Chivela é pároco de Nossa Senhora da Piedade de Peraopeba, na Arquidiocese de Belo Horizonte, em Minas Gerais**

A paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro foi criada em 4 de março de 1978 e teve a nomeação de seu primeiro pároco em 19 de março de 1978, pela portaria emitida pelo bispo diocesano Dom Teordado Leitz, Ordem dos Frades Menores (Franciscanos), bispo da Diocese de Dourados, Mato Grosso do Sul. No dia 1 de abril do mesmo ano, o Pe. Joaquim Antunes Lopes Valente da Sociedade Missionária da Boa Nova (SMBN) foi empossado como primeiro pároco em missa solene, presidida por Dom Teordado Leitz e concelebrada por alguns presbíteros da Diocese de Dourados. Atualmente, pertence à Diocese de Naviraí desmembrada da Diocese de Dourados. Hoje, a Paróquia de Sete Quedas continua aos cuidados da Sociedade de Missionária da Boa Nova, e no dia 4 de março deste ano [2024] celebrámos os 46 anos da sua existência. Que Deus continue abençoando todos nós e nossa missão por onde o Senhor nos enviar, para que o Seu Evangelho seja anunciado a todos os irmãos sem distinção de raças.

◊ **Foto: Pe. Zé Manel**
◊ **Texto: Pe. António Rego**

Insondável
(Sabedoria 9,13)

Há tantas coisas que não sabemos.
Quanto mais explicações nos dão do mundo,
menos o conseguimos explicar.
O teu mistério,
a linha de infinito que está para além de todas as coisas,
é a única luz que deixa o meu coração em paz.
Por isso Te peço:
que o orgulho nunca me toque a alma.
Há tantas coisas que não sei. Mesmo de Ti.
Se entro numa livraria,
quantos livros não li.
Se no meio da multidão,
quantas pessoas não vislumbro!
Se tento mergulhar nos segredos do universo,
quantas estrelas posso contar?
Que o meu coração
sempre esteja aberto
ao Teu oceano de Amor - Caminho, Verdade e Vida.
Que eu Te veja sempre
na floresta das minhas procuras.





Pe. Ricardo Marques

«Devemos entender a Igreja como uma família, uma rede e não como uma paróquia isolada»

◊ Prof. Manuel José Tavares Soares, Presidente da ARM

O Pe. Ricardo Marques, da Sociedade Missionária da Boa Nova, trabalhou oito anos em Moçambique, em Pemba, como Pároco de Maria Auxiliadora, na província nortenha de Cabo Delgado. Este Missionário da Boa Nova assumiu recentemente a Paróquia de São Martinho de Cucujães, sendo já pároco de Santiago de Riba-Ul e de Madaíl, na Vigararia de Oliveira de Azeméis/S. João da Madeira, Diocese do Porto. Juntamente com dois vigários paroquiais, os padres Amaro Ferreira e Rui Ferreira, também Missionários da Boa Nova, irá formar uma Equipa Sacerdotal para dinamizar pastoralmente estas três paróquias. Quisemos conhecer quais os seus objetivos neste trabalho pastoral e também conhecer um pouco melhor o seu percurso missionário.



Fotos: Boa Nova

▲ **Para o Pe. Ricardo, a Igreja deve ser vista como uma grande família. A reposta a este desafio passa muito por dar corpo àquilo que o Concílio Vaticano II já há muito tempo definiu, que é justamente o papel fundamental dos leigos**

Boa Nova (BN): Como surgiu esta ligação à Sociedade Missionária da Boa Nova?

Pe. Ricardo Marques (RM): Entrei para a Sociedade Missionária da Boa Nova em 2005.

Tinha 28 anos de idade e um certo percurso feito fora do seminário. Sou natural de Torres Novas e vivi muitos anos no Entroncamento. Por ali fui estudando e fazendo o meu caminho na Igreja. Depois, como qualquer jovem, fui para o Ensino Superior, estudei e licenciei-me em Informática. Fui professor e formador durante vários anos. Em 2005, acabei por entrar no Seminário de Valadares onde efetuei a minha formação teológica. Em 2009, comecei por fazer uma experiência de um ano em Moçambique, uma espécie de estágio que faz parte da nossa formação. Estive no norte de Moçambique, em Nampula. Depois de regressar, completei os estudos teológicos, ordenei-me padre em 2014 e, em 2015, parti para Moçambique, província de Cabo Delgado, uma região complicada em termos de guerra, mas terra de gente boa e simples que, apesar de tudo, vive de forma bastante alegre, embora com as condições que todos nós podemos imaginar, com muita pobreza e miséria. Estive na Paróquia de Maria Auxiliadora durante oito anos e, em 2023, desci para Maputo, onde estive também um ano no nosso Seminário Maior. Em 2024, regressei a Portugal, onde assumi as paróquias de Santiago de Riba-Ul e de Madaíl, acabando agora também por assumir a paróquia de Cucujães, um contexto diferente de trabalho pastoral.

BN: Qual é a grande diferença que podemos encontrar entre o trabalho missionário em Moçambique e aqui em Portugal, no contexto europeu?

RM: Sim, há diferenças, naturalmente, porque, no contexto de Moçambique, estamos a falar de uma situação de primeiro anúncio, falar de Cristo a quem ainda não o conhece. O contexto de Portugal é um contexto diferente, também com os seus novos desafios num âmbito político, social, cultural e económico bastante complexo.

BN: E qual é o papel da Igreja em termos sociais no contexto africano?

RM: O papel social da Igreja é fortíssimo porque as carências são imensas. Claro, para o objetivo da Igreja, o primeiro é sempre a evangelização. É o anúncio de Cristo. Este contexto exige que nós olhemos para o próximo naquilo que são as suas necessidades e, às vezes, as mais elementares. São pessoas que vivem com um rendimento abaixo de dois dólares por dia e, às vezes, nem isso. Vivi a passagem de um ciclone [Kenneth], onde a Igreja teve de salvar a vida das pessoas que vivem em condições muito débeis. As casas são muito

frágeis. A guerra voltou a reacender-se em Cabo Delgado e continua. Na altura em que lá estive, falava-se de cerca de um milhão de deslocados que fugiam a uma morte certa. O Estado não consegue proteger essas pessoas. Tivemos que intervir nos diversos campos, desde a saúde até à habitação. Em Portugal, o objetivo é ajudar as pessoas a reencontrarem-se consigo mesmas e, sobretudo, com Jesus.

BN: É o grande desafio de hoje. Mas são três paróquias. O trabalho não deve faltar neste contexto pastoral.

RM: Sim, é um desafio mas que é possível, sobretudo exigindo partir de uma realidade a que não estamos muito habituados mas que pode ser inspiradora. Devemos entender a Igreja como uma família, uma rede e não como uma paróquia isolada. Não é fácil construir este conceito de um dia para o outro. O desafio passa muito justamente por dar corpo àquilo que o Concílio Vaticano II já há muito tempo definiu, que é justamente o papel fundamental do leigo. Aliás, o Santo Padre tem insistido muito nessa singularidade.

BN: Em relação à ligação dos jovens à Igreja, qual é a sua perceção nestas três paróquias, fazendo até uma comparação com o seu trabalho como missionário em África.

RM: A população africana é jovem. Basta dizer que, na Infância Missionária, havia mais de 500 crianças. Em Portugal, a realidade é diferente. A população tem mais experiência de vida. Mas temos jovens nestas três paróquias que estão empenhados. Em Cucujães, por exemplo, temos quatro grupos de jovens e vamos crismar mais de trinta. Os jovens devem ter espaço para se exprimir e viver. O desafio é utilizar a linguagem pedagógica certa.



▲ O grande objetivo é a evangelização, a começar pelos jovens, que devem ter espaço para se exprimir e viver. A catequese constitui hoje outro desafio fundamental que necessita de uma reflexão forte e profunda, considera o sacerdote missionário

BN: Quais são os seus objetivos a curto prazo, neste trabalho pastoral?

RM: O meu objetivo é a evangelização, a começar pelos jovens que são o presente da Igreja e que têm que ter uma voz ativa na sua estrutura, devendo ser escutados. O outro desafio que é fundamental é a Catequese que é um pilar estruturante de cada comunidade cristã e que precisa de uma reflexão forte e profunda. Não podemos utilizar os mesmos esquemas de há 40 anos. A doutrina cristã permanece igual, mas a linguagem tem que ser adequada à realidade de hoje. Trezentos catequistas da região participaram re-

centemente, em Travanca, em contexto vicarial, numa reunião com o Padre Sérgio Leal que abordou várias questões no âmbito da sinodalidade do saber. A catequese deve ter um cunho mais familiar porque a família mudou. Hoje, temos os divorciados, os recasados, as pessoas que vivem em união de facto, etc. A Igreja e o anúncio do Evangelho são também para esses.

BN: Outra questão que eu queria colocar tem a ver com a sinodalidade, o conceito que é atual, hoje, na Igreja. O Papa Francisco recentemente, convocou mais uma assembleia. Qual é a sua opinião sobre este conceito e o que é que a Igreja pode ganhar nesta relação com as comunidades?



▲ **O Pe. Ricardo foi durante oito anos Pároco de Maria Auxiliadora de Pemba, Cabo Delgado. Na foto, a visitar uma das escolinhas da Paróquia**

Temos jovens nestas três paróquias que estão empenhados. Em Cucujães, por exemplo, temos quatro grupos de jovens e vamos crismar mais de trinta. Os jovens devem ter espaço para se exprimir e viver. O desafio é utilizar a linguagem pedagógica certa.

RM: O caminho é por aqui. A própria expressão sinodalidade significa fazer caminho conjunto. A Igreja não é apenas uma instituição abstrata. A Igreja somos todos nós, não é só de alguns. Portanto, é um caminho que temos de fazer. E o Papa tem lançado pistas para fazer esse caminho. Agora, o mais difícil é justamente aplicar no terreno aquilo que a Igreja nos pede. Mas é um exercício necessário e é por aí. Na prática, é mais difícil do que na teoria.

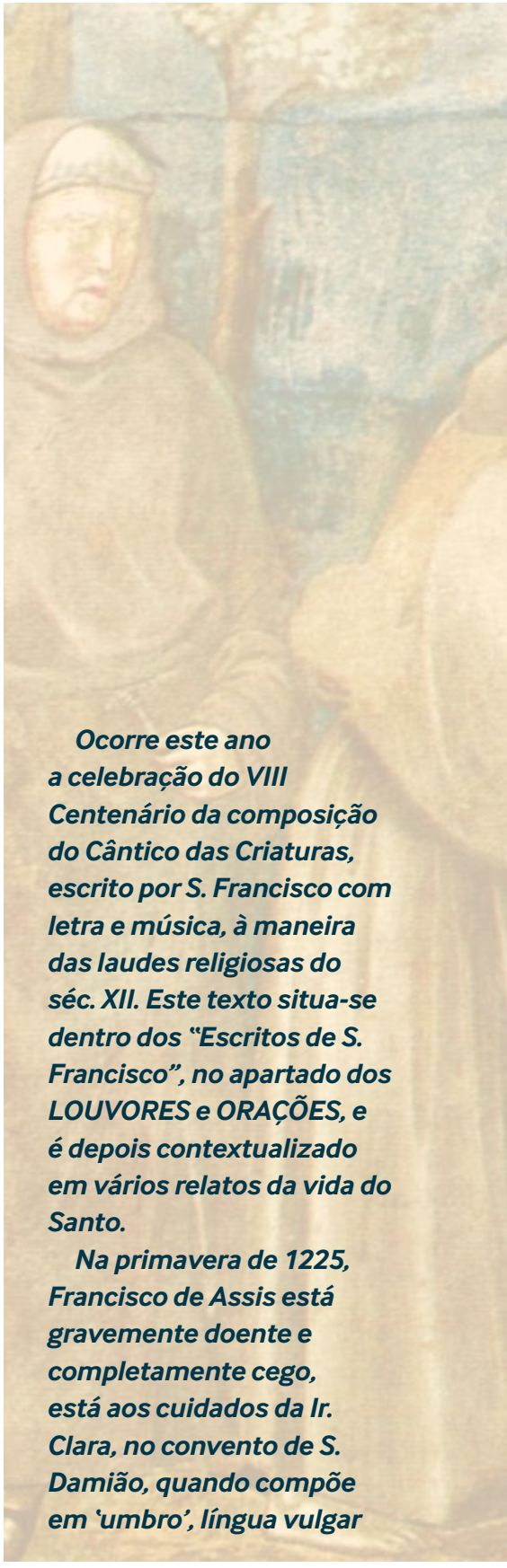
BN: Para terminarmos, sei também que, em Santiago de Riba-Ul, haverá uma sessão especial tendo em conta o conceito de missão para os mais novos. Como é que vai decorrer esse encontro?

RM: É um desafio que queremos lançar. Estamos precisamente a tocar no pilar da catequese. Temos catequese para os diversos grupos, mas, nestas paróquias e a nível da Vigararia de Oliveira de Azeméis/S. João da Madeira, ainda estamos um bocadinho pobres a nível da Infância e Adolescência Missionária enquanto movimento. Aliás, a própria catequese enriquece-se ao compreender este dinamismo missionário. Porque esta dimensão missionária da Igreja não é uma questão. É a essência da Igreja. E este movimento que é a Infância e a Adolescência Missionária é um movimento da Igreja. Então, a ideia é começar pelos catequistas. O princípio é a evangelização feita por crianças. ●

Cântico das Criaturas celebra 800 anos

◊ Frei Álvaro Silva, OFM

DR



Ocorre este ano a celebração do VIII Centenário da composição do Cântico das Criaturas, escrito por S. Francisco com letra e música, à maneira das laudes religiosas do séc. XII. Este texto situa-se dentro dos "Escritos de S. Francisco", no apartado dos LOUVORES e ORAÇÕES, e é depois contextualizado em vários relatos da vida do Santo.

Na primavera de 1225, Francisco de Assis está gravemente doente e completamente cego, está aos cuidados da Ir. Clara, no convento de S. Damião, quando compõe em 'umbro', língua vulgar

► **«S. Francisco, com um olhar de fé cheio de gratidão, contempla as maravilhas da criação e consegue ver nelas a presença do Criador que lhes dá origem. As criaturas são irmãos e irmãs, porque são obra e dom do mesmo Autor»**



falada pelo povo, o Cântico das Criaturas [Francisco virá a morrer em outubro de 1226]. Afligido por muitas provações, recebe de Deus, a certeza de viver na terra, como se já fosse do céu. S. Francisco, com um olhar de fé cheio de gratidão, contempla as maravilhas da criação e consegue ver nelas a presença do Criador que lhes dá origem. As criaturas são irmãos e irmãs, porque são obra e dom do mesmo Autor; elas formam o universo visível, a começar pela beleza dos corpos celestes: o "irmão e senhor Sol", até ao ar, à água, ao fogo e à "irmã madre terra". As criaturas louvam e agradecem a Deus Criador o seu existir.

Segundo S. Boaventura, "Francisco exultava em todas as obras saídas das mãos de Deus, e rejubilando de alegria na presença das criaturas, subia por meio delas até àquele que é a causa e a razão vivificante do Universo".

Celebrar como Igreja o VIII Centenário do Cântico das Criaturas leva-nos a uma mudança radical na nossa relação com a criação, que consiste em substituir a posse, pelos cuidados da casa comum. Na verdade, cada um de nós deve responder a estas perguntas com sinceridade: Como quero viver a relação com as outras criaturas? Como um dominador que arroga para si mesmo o direito de fazer com elas o que quer? Como consumidor de recursos que vê neles uma oportunidade de aproveitar os mesmos? Ou como um irmão que para diante da criação, admira a sua beleza e cuida delas? Estamos perante um desafio antropológico e ecológico que determinará o nosso futuro, porque ele está interligado com o futuro da Terra.

A atual crise ecológica revela-nos que o "ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto" (Laudato Sí *48). O ambiente humano e o ambiente natural são preservados e embelezados em conjunto. Cuidar da casa comum sem cuidar da casa interior, o nosso coração, não é o caminho certo: precisamos de uma conversão ecológica e integral ao mesmo tempo, porque "a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior"* (Laudato Sí *217).*

Francisco de Assis tinha também em vista o perdão e a paz. Na última estrofe que juntou ao Cântico lembra-nos que só aqueles que têm um coração capaz de vencer a lógica do ódio e da vingança através do perdão, podem tornar-se instrumentos de reconciliação e harmonia, profecia e fraternidade, como o próprio Francisco, que viveu "numa maravilhosa harmonia com Deus, com os outros e com a natureza" (Laudato Sí *10).*

(Publicação conjunta da Missão Press)



Américo Lisboa Azevedo: “Uma Igreja sem os doentes não tem rosto de Cristo”



Fotos: Boa Nova

A Revista Boa Nova visitou e esteve à conversa com o Vice-Presidente do Secretariado Diocesano da Pastoral da Saúde do Porto, Américo Lisboa Azevedo, que é um exemplo vivo de superação e de como as nossas chagas podem ser transfiguradas pelo Amor de Deus. Américo nasceu com paralisia cerebral e ficou totalmente cego aos 16 anos de idade, mas não desistiu de viver a vida como ela é. Com uma alegria e força contagiantes, partilhou connosco a sua história de vida, desde os desafios que teve de superar devido às suas limitações até ao momento em que percebeu que a sua missão era escutar e ajudar outras pessoas com deficiência a encontrarem a sua vocação, a acreditarem em si mesmas e a desenvolverem as suas capacidades colocando-as ao serviço de todos.

◊ **Texto: Filipe Monteiro**
◊ **Entrevista: Pe. Rui Ferreira**

Américo Azevedo nasceu e vive em Gueifães, na Maia, Porto (1963). Veio ao mundo com paralisia cerebral acentuada e cego de um olho. Apesar de uma vida marcada pelas dificuldades, Américo encontrou o seu caminho pela dedicação de uma enfermeira que o escutou quando perdeu a visão completamente, na Páscoa de 1980. A partir desse momento, procurou servir os mais frágeis, combater os estigmas relacionados com a doença e levar o seu testemunho aos outros. Não sendo possível chegar a todo o lado, escreveu cinco livros, tem a ambição de publicar um sexto, e aceitou o desafio de um amigo que lhe propôs uma aventura pelos Caminhos de Santiago.

A INFÂNCIA E AS PRIMEIRAS DIFICULDADES

As limitações começaram muito cedo a ser um desafio na vida de Américo. Nasceu três semanas mais tarde do que o previsto, sem visão no olho esquerdo e com muita falta de oxigénio, que resultou numa paralisia cerebral acentuada, diagnosticada quando Américo já tinha 6 anos, e que lhe dificulta os movimentos, sobretudo do lado esquerdo do corpo. "Foi detetado porque na idade de eu levantar o pescoço, não levantava; nunca



▲ **Américo encontrou Deus naquela enfermeira, a quem chama Caridade e que o escutou profundamente: "Aquele Deus que eu procuro é este que ela me anunciou. Deus feito amor"**

fazia nada que as outras crianças faziam, chorava imenso, não tinha nem dava sossego, e os meus pais começaram a percorrer médicos e médicos, mas ninguém sabia o que era. Houve um médico já muito mais tarde, que diagnosticou: tenho uma doença orgânica que provoca em si deficiência", explica Américo.

Mas Américo não queria ficar limitado à sua doença e tentou desde criança superar as barreiras que lhe eram colocadas, contando com a ajuda dos amigos, que adaptavam as brincadeiras para que Américo pudesse participar: "Felizmente, durante a minha infância não tive grandes problemas, porque as crianças não têm preconceitos, não criam barreiras, até se entreajudam. Criavam sempre possibilidades e não barreiras".

Sentiu que as dificuldades iam aumentar quando chegou a altura de entrar na escola e na catequese. "Na escola, não me deixaram entrar porque não tinham condições para uma pessoa como eu frequentar a escola regular. Na catequese, o padre achou que eu não tinha necessidade de fazer a catequese, porque já sofria que chegasse e não tinha de ser mais castigado", diz Américo, lamentando a mentalidade que alerta ainda hoje existir: "Não há tanto, mas ainda há". A decisão do padre deixou Américo desconsolado, que confessa que só queria ir para a catequese para estar com os amigos: "Eu não queria ir para a catequese para aprender a catequese, porque eu não ligava nada às coisas de Deus; eu não conhecia Deus."

Impedido de frequentar a catequese e a escola regular, Américo foi arrancado das suas raízes aos 10 anos para ingressar no Centro de Reabilitação de Paralisia Cerebral,

em Lisboa, onde a adaptação a um mundo completamente diferente se tornou a sua maior adversidade: "Saí de uma aldeia para uma cidade aos 10 anos, e fui sem ninguém. O meu pai foi me levar, fiquei entregue aos cuidados de uma senhora que cuidava de mim à noite e de dia ia para o Centro." Entretanto, a experiência no instituto não se revelou positiva por não conseguir comunicar com os colegas, que tinham grandes dificuldades cognitivas: "Não me sentia integrado". Habituado a "brincar com tudo e com todos", sem nunca se sentir rejeitado ou ser visto como uma pessoa diferente, Américo não se sentia bem ali. Em Lisboa, também entrou para a catequese, mas continuava sem querer ir: "Para mim, tudo o que a catequista dizia eram balelas, porque eu achava que Deus não existia tal como diziam que existia", conta o homem de 61 anos.

Após o 25 de abril de 1974, a integração de alunos com deficiência no ensino regular tornou-se obrigatória, e Américo voltou para a sua terra natal com 12 anos para concluir o ensino primário e contrariar o receio dos professores, que tinham medo de que os outros alunos não o aceitassem: "Aquilo era uma festa. Eles queriam era brincadeira, queriam conhecer uma pessoa como eu". Américo confessa que não se esforçava na escola e, apesar de nunca ter reprovado, passou sempre com notas médias, um traço que se estendeu até à preparatória em São Mamede de Infesta e ao ensino secundário na Maia.

A ENFERMEIRA CARIDADE E A ESCUTA ATIVA

A Páscoa de 1980 trouxe mais uma dificuldade à vida de Américo, pois entre a entrada e saída da Cruz, em sua casa, no "Compasso", perdeu a visão do olho direito: "Já estava com algumas dificuldades, a notar alguma deficiência na visão, e comecei a ver manchas. Foi muito rápido". No dia seguinte, foi para as urgências e ficou internado no Hospital de S. João, no Porto, durante quatro meses, onde as questões existenciais se tornaram mais intensas, com um descolamento completo da retina.

"Felizmente, durante a minha infância não tive grandes problemas, porque as crianças não têm preconceitos, não criam barreiras, até se entreajudam. Criavam sempre possibilidades e não barreiras."

O infortúnio aumentou o ceticismo de Américo, que não via Deus como alguém capaz de curar. Apesar de ouvir os outros enfermos a rezar, continuava sem conseguir acreditar em Deus. "Se põe o coxo a andar e o cego a ver, porque é que eu não ando? E, entretanto, via amigos meus a ficaram doentes, outros a morrerem, ainda jovens. Então, se Deus é tão bom, porque é que as pessoas morrem tão cedo? Porque é que sofrem? Porque é que não cura essas pessoas?", questionava-se Américo. Procurava saber o porquê do que lhe acontecera e como seria daí em diante, mas sempre sem respostas.

Uma noite, no meio dessa turbulência, sentiu que alguém se tinha sentado ao lado da sua cama e permanecido sem dizer nada. Perguntou quem era e o que estava ali a fazer e uma enfermeira respondeu-lhe simplesmente que o estava a contemplar. Américo confessa que não gostou nada da resposta e atirou-lhe que precisava era que o ajudassem. A enfermeira perguntou-lhe o que é que ele precisava, e ele respondeu que precisava que o escutassem. A enfermeira escutou-o durante horas, numa conversa que se estendeu até de madrugada.

"Chorei, gritei, disse o piorio de Deus, e aquela boca sagrada nunca me reprimiu. Nunca me disse nada. No final eu estava exausto, ela exausta estava. E eu sentia que ela me estava a escutar, sentia que ela me tocava com a mão, sentia que era uma escuta ativa, não estava a fazer que escutava. No final, fiquei muito calmo, dormi que nem um anjo, e ela foi à vida dela", conta Américo.

Essas conversas continuaram e ao fim de algumas noites, o homem sentia-se livre, com o coração vazio de rancores, medos e angústias. Percebeu que Deus estava naquela enfermeira, a quem chama Caridade: "Aquele Deus que eu procuro é este que ela me anunciou. Deus feito amor. Que está atento às necessidades do outro. Não cura fisicamente, mas ajuda a purificar-nos por dentro. A libertar-nos. A sentir-me melhor. A ser melhor com os outros. A darmo-nos aos outros. Este foi um processo mais demorado, não foi rápido".

Apesar do cansaço de estar no hospital, chorou quando teve alta, porque sentia que deixara ali uma parte da sua vida e que saía diferente. No regresso a casa, começou a receber visitas das vizinhas que vinham desabafar os seus problemas com Américo. Começou, então, a perceber o efeito positivo que a sua escuta ativa tinha sobre as outras pessoas: "Elas vinham ver-me, mas era para escutar que eu ali estava".



▲ **Foi na Fraternidade Cristã dos Doentes Crónicos e dos Deficientes Físicos que Américo conheceu Angelina, com quem é casado desde janeiro de 1996: "É a mulher da minha vida, mas é muito mais do que isso. É companheira. Tentamos complementar-nos"**

Propôs-se ir à Igreja e oferecer-se ao serviço da paróquia, mas o padre respondeu-lhe que não tinha lugar para ele. Entretanto, na escola, continuava a brincar com os colegas, sensibilizando-os a olhar para a vida e para os sonhos das pessoas com deficiência: "No fundo, sem saber, estava a evangelizá-los".

UMA NOVA VIDA AO SERVIÇO

Depois de ter terminado o ensino secundário, Américo juntou-se à Fraternidade Cristã dos Doentes Crónicos e dos Deficientes Físicos, um grupo que transforma os seus membros em evangelizadores de outros doentes. "Éramos nós que trabalhávamos com outros iguais a nós, com patologias idênticas. Uma experiência riquíssima", explica Américo.

Foi aí que conheceu Angelina, voluntária do movimento, com quem é casado desde janeiro de 1996 e que, como o cônjuge, tem limitações físicas que a obrigam a deslocar-se numa cadeira de rodas: "É a mulher da minha vida, mas é muito mais do que isso. É companheira. Tentamos complementar-nos".

Conheceu a Comissão Nacional da Pastoral da Saúde a representar o grupo nas as-

sembleias, e o Hospital de S. João do Porto voltou ao horizonte de Américo, depois de lá nascer e, mais tarde, de lá ficar completamente cego. No âmbito de uma atividade da Comissão Nacional da Pastoral da Saúde, em Fátima, conheceu o padre José Nuno, então capelão do hospital portuense, que o convidou a colaborar com o serviço de apoio espiritual e religioso do hospital. Américo integrou o serviço durante onze anos e garante ter provocado ruturas nas mentalidades que não percebiam que a pessoa doente tem voz, sonhos e necessidades: "A Igreja e a sociedade não nos dão esse direito: acha que nós não temos direito a sermos nós próprios, a termos nossos sonhos, a sairmos da nossa casca de ovo. Atrofia-nos em casa ou onde quer que estejamos. Eu vi que podia sair da casca do ovo."

Entretanto, o convite do padre José Nuno estendeu-se ao Secretariado Pastoral Diocesano da Saúde, que Américo integra há 17 anos e já o fez percorrer a diocese do Porto inteira: "É uma maravilha. Podemos partilhar a nossa experiência para que outras pessoas possam ir ao encontro de quem está doente, de quem está deficiente. E ajudá-los a saírem de lá, a voltarem à vida, a descobrirem que a doença não é o fim. Há mais vida para além disso". Em 2010, foi um dos responsáveis da Peregrinação dos Frágeis, no Pavilhão Rosa Mota, e que juntou mais de 8.000 pessoas.

Atualmente, é Vice-Presidente do Secretariado Pastoral Diocesano da Saúde. A responsabilidade e o compromisso aumentaram, e cada vez surgem mais desafios, mas Américo garante que a equipa da Pastoral da Saúde nunca lhe retirou apoio: "Ajudou-me a descobrir que nenhum de nós consegue fazer tudo sozinho. Eu não consigo andar, eu não consigo ver, mas se for com alguém, isso torna a vida mais rica porque há mais partilha".

UMA IGREJA DE TODOS, PARA TODOS!

Apesar das dificuldades que se foram levantando na sua vida, Américo é muito mais do que as suas limitações. A sua vontade de superação levou-o a estudar mais e formar-se em Informática, no Centro de Reabilitação Profissional de Gaia. A experiência contrariou as suas expectativas, uma vez que estava habituado a frequentar o ensino regular, mas garante que foi muito diferente: "Eram deficientes mais capacitados. A maioria deles estavam habilitados depois a trabalhar. O objetivo era fazer formação para depois a pessoa ingressar no mercado de trabalho".

"Nós precisamos de ser, para os outros, um sinal de esperança."

Durante essa formação de seis anos, procurou ajudar outros deficientes a conhecerem as suas capacidades. Américo conta a história de um homem de 28 anos, tetraplégico e sem esperança, que fora ter com ele quando chegara ao centro. Sentia-se dependente e sem capacidade de ajudar os outros. Américo tentou convencer o homem de que ele tinha capacidade, até que lhe propôs que ele o ajudasse, auxiliando Américo a deslocar-se com o auxílio da sua cadeira de rodas. A partir daí, levou Américo para todo o lado: "Ele levou-me e viu que era fácil. E sorridente, alegre, feliz, porque via que podia fazer alguma coisa. Nós precisamos de ser, para os outros, um sinal de esperança".

Américo critica a Igreja por muitas vezes apenas fazer os "serviços mínimos obrigatórios" esquecendo-se de acompanhar os que estão a sofrer e olhar para as pessoas frágeis como pessoas: "A Igreja só

consegue ser Igreja se olhar as pessoas frágeis como pessoas. Porque é aí que está Jesus. A Igreja sem os doentes, sem os deficientes a participarem, a serem reconhecidos como pessoas não tem o rosto de Cristo."

Afirma que a sua missão é ajudar as pessoas com dificuldades a não terem medo: "Se temos Deus connosco, porque é que temos medo? Deus está do nosso lado. Claro que caímos, mas só se levanta quem cai. Cada oportunidade que me aparece é um desafio para mostrar, para dar testemunho de que se pode vencer, se pode superar".

Como não podia chegar a todo o lado, Américo escreveu cinco livros para o ajudar a levar o seu testemunho mais longe, e tem o sonho de publicar um sexto: "Publiquei logo 67 contos num livro só ("Centelha de Vida"). Tinha 20 e tal anos quando o escrevi, mas só o publiquei em 2005. E depois escrevi outros, escrevi o "Para Além do Olhar", que é um livro que me deu muito gosto." Para além destes dois livros, Américo publicou também "Sonho Acordado", "Contigo Aprendo a Caminhar" e "Histórias da Avó", todos esgotados.

Em abril de 2023, foi desafiado por um amigo a fazer os Caminhos de Santiago por etapas, como uma aventura, sem o objetivo de cumprir promessas ou orações: "Íamos por amizade e com o objetivo de mostrar aos outros que era possível uma pessoa dita normal e uma pessoa com limitações colaborarem para fazer o invencível". No início, eram apenas o Américo e o amigo, mas ao longo das etapas, mais pessoas se juntaram ao que se tornou um grupo. Tal como a enfermeira Caridade, que escutou Américo quando ele mais precisava, a oração do grupo, no caminho, é a contemplação: "Contemplar o que os caminhos nos dão. Eu não estou a fazer os caminhos. Os caminhos é que me estão a fazer a mim. Estão-me a mudar. Estão-me a transformar. Sinto-me diferente, com mais força".



▲ "Se temos Deus connosco, porque é que temos medo? Deus está do nosso lado. Claro que caímos, mas só se levanta quem cai. Cada oportunidade que me aparece é um desafio para mostrar, para dar testemunho de que se pode vencer, se pode superar". Américo e amigos nos Caminhos de Santiago

Américo convida as pessoas com limitações a não ficarem caladas e a pedirem ajuda à Igreja. Do outro lado, espera que a Igreja seja capaz de trabalhar em conjunto com as pessoas com limitações e ajudá-las a perceber como superar os seus obstáculos: "Não fazerem coisas para elas, fazerem com elas. E ajudá-las a perceber que os limites apenas são limites e que se forem partilhados, se forem levados a sério pela comunidade onde deviam estar inseridos, podem ser contornados. Com ajuda, com partilha, podem ser contornados". •

Um Bispo nas periferias como missionário

D. Manuel da Rocha Felício nasceu, em 1947, em Mamouros, Castro Daire, Diocese de Viseu. Após ter sido ordenado padre (1973), foi pároco em Mangualde e vice-reitor do Seminário de Viseu. Foi ainda diretor do Instituto Superior de Teologia das dioceses de Viseu, Guarda e Lamego, e bispo auxiliar de Lisboa (2003-2004), antes de se tornar bispo da Guarda durante 20 anos (2005-2025). Agora, como bispo emérito, decidiu partir para Angola, onde irá trabalhar na Diocese do Sumbe e morar com os Missionários da Boa Nova, na Gabela. Terá como principal missão restaurar um centro de formação espiritual na Kilenda, sempre à disposição do Bispo do Sumbe. A Boa Nova entrevistou-o para conhecer melhor a sua corajosa aventura missionária, aos 77 anos de idade.

◊ Pe. Jerónimo Nunes entrevista D. Manuel Felício

Boa Nova (BN): Mangualde é um bom lugar para preparar padres para a missão?

D. Manuel Felício (DMF): Essa terra distinguiu-se sempre por um grande dinamismo de desenvolvimento social e económico, com variadíssimas iniciativas. Por isso, também me desafiou, desde a primeira hora, para a criatividade pastoral. Obrigou-me, desde o início, ao diálogo muito exigente com o mundo da cultura e empresarial, na vida escolar e de relação com as diferentes atividades, certamente, mas também na comunicação social (dirigi,

durante sensivelmente uma década, um jornal semanário regional) e no debate público.

BN: Ajudou a reformar os seminários e o ensino da Teologia. É necessário continuar essa reforma?

DMF: É verdade que o meu Bispo me mandou estudar teologia, sendo ainda seminarista, fora do Seminário Diocesano, para ajudar na renovação do ensino da teologia no Seminário. E foi o que logo tentámos fazer, com o empenho conjunto, inicialmente de duas dioceses, depois de três e finalmente de quatro, que passaram a partilhar responsabilidades e proveitos com o mesmo Instituto Superior de Teologia filiado na Faculdade de Teologia da Universidade Católica. Depois, veio o Seminário Maior Interdiocesano promovido pelas mesmas quatro dioceses e sediado na proximidade de um dos centros regionais da Universidade Católica. O futuro exigirá certamente novas mudanças. A inovação não pode parar. Temos que a saber gerir sempre na dupla fidelidade às exigências da formação sacerdotal em si mesma e ao que legitimamente esperam as comunidades.

BN: Vinte anos numa Diocese em processo de desertificação. Foi complicado! Que esperanças para a região da Guarda?

DMF: Foram, de facto, 20 anos, completados em 16 de janeiro passado, como Bispo da Guarda. Quando lá cheguei, as estatísticas diziam que a Diocese tinha 260 mil habitantes. Dez anos depois, este número desceu para 240 mil e ao partir, segundo as minhas contas, de acordo com os censos de 2021, a diocese da Guarda tem 225 mil habitantes. Esta curva descendente tem de fazer pensar, mas sobretudo de obrigar a atuar, o que não tem acontecido nas últimas décadas. Faltam políticas corajosas que levem a inverter esta tendência.

Potencialidades não faltam. O número dos votos não pode continuar a ser o critério de investimento para os responsáveis políticos, como infeliz-



Fotos: Boa Nova

▲ **D. Manuel Felício com o Pe. Jerónimo Nunes, Missionário da Boa Nova, natural da Diocese da Guarda, no Claustro do Seminário das Missões, em Cucujães**

DR



▲ **D. Manuel Felício, bispo emérito da Guarda, partiu como missionário para Angola aos 77 anos de idade. Irá morar, na Gabela, com os Missionários da Boa Nova.**

mente tem acontecido. Parto com a esperança de que a vontade política dos que nos governam dê, de facto, outro rumo a estas terras, que têm invejável percurso de vida e muito para oferecer ao conjunto da sociedade.

BN: D. João de Oliveira Matos foi o grande evangelizador da Guarda, nos tempos da perseguição. Quer continuar?

DMF: Estou de acordo com a afirmação de que o Venerável Servo de Deus D. João de Oliveira Matos, Bispo Auxiliar durante quatro décadas, soube fazer o diagnóstico acertado da nossa realidade pastoral, apontou grandes metas, nomeadamente a formação cristã para todos e procurou os meios humanos e materiais necessários para lá chegar, entre os quais se destaca a Liga dos Servos de Jesus, que, no ano passado, comemorou o seu centenário. A Diocese, no seu todo, mas principalmente os seus pastores precisam de continuar o modelo de evangelização que nos legou o Sr. D. João.

BN: Formar animadores missionários em Angola. Que belo projeto. O que o motiva?

DMF: Penso que temos, todos, sempre, muito a aprender para procurarmos ser fiéis aos valores específicos das diferentes culturas, que o Evangelho, longe de anular ou substituir, quer valorizar e iluminar, começando pela sua vertente humana e humanizante. No ano passado, tive o alto privilégio de representar a nossa Conferência Episcopal, em Fátima, numa semana de acolhimento e inserção para evangelizadores provenientes de várias nações e culturas. Foi muito enriquecedor. Espero beneficiar, em Angola, de contributos similares.

BN: Quer tornar mais missionária a Diocese da Guarda? E a Liga dos Servos de Jesus?

DMF: A decisão que tomei e apresentei ao novo Bispo da Guarda, D. José Miguel Pereira, que é também, por inerência, o Superior da Liga dos Servos de Jesus, recebeu bom acolhi-





▲ **Em outubro passado, D. Manuel Felício marcou presença no Encontro de leitores, assinantes e amigos, na Guarda, por ocasião do Centenário da Boa Nova**

mento e tenho agora mandato para, em nome da Diocese e da referida Liga, contando com a ajuda indispensável dos Missionários da Boa Nova instalados no local, procurar reativar um Centro de Espiritualidade ligado à Missão D. João de Oliveira Matos, inaugurada no ano de 2012, na Diocese de Sumbe. De facto, esta Missão foi criada por iniciativa da Liga dos Servos de Jesus, com a minha total concordância e claro apoio, tendo ali investido, em termos materiais, importâncias que rondam um milhão de euros. Aproveito para dizer, em abono da verdade, que tal iniciativa se deveu, em grande medida, ao apoio dos Missionários da Boa Nova. A pandemia obrigou-nos a fechar o Centro de Espiritualidade, ficando a sua logística à espera de oportunidade para a reabertura. A Escola continuou a funcionar, com estatuto de Escola Católica tutelada pelo respetivo departamento diocesano da Diocese local e com reconhecida qualidade. O Centro de Espiritualidade pretende voltar a promover a formação cristã aberta a todos e principalmente a formação de ministérios, acrescentando ainda iniciativas de retiros e outros momentos de oração. Espero que seja possível, com a colaboração das estruturas pastorais locais e, em particular, com o empenho dos Missionários da Boa Nova, reabrir este serviço. Esta será uma boa maneira de dar cumprimento ao carisma que nos legou o Venerável Servo de Deus D. João de Oliveira Matos, que dá o nome à Missão ali criada pela Liga dos Servos de Jesus.

Parto com a esperança de que a vontade política dos que nos governam dê, de facto, outro rumo a estas terras, que têm invejável percurso de vida e muito para oferecer ao conjunto da sociedade.

Quanto ao dinamismo missionário da Diocese da Guarda, começo por dizer que ele tem um bom lastro na sua história, pois são muitos os missionários e missionárias de diferentes congregações religiosas espalhados pelo mundo e naturais desta Diocese. Se esta iniciativa puder contribuir, por exemplo, para uma futura geminação pastoral entre as duas Dioceses da Guarda e de Sumbe, darei muitas graças a Deus. •

Encontros anuais da Família Boa Nova





Alinhados com o lema do Jubileu 2025 – "Peregrinos de Esperança", "Jubileu do Mundo Missionário" é o tema para o primeiro dos grandes encontros anuais da Família Boa Nova, a Festa Missionária, que decorrerá como habitualmente na Quinta do Seminário das Missões de Cucujães, no dia 01 de junho de 2025. Este ano contará com a participação da *Banda Missio*, uma banda Pop/Rock de música de inspiração cristã, criada pelo P. Leonel Claro em 2009, que participou no concerto antes da eucaristia de abertura da Jornada Mundial da Juventude (JMJ 2023) no Palco da Colina do Encontro, no Parque Eduardo VII, em Lisboa, e em mais dois concertos durante os dias do evento.

"Missionários com Maria, ao encontro da Esperança" é o tema da Peregrinação Missionária a Fátima, agendada para os dias 14 e 15 de junho de 2025. A Peregrinação será presidida por D. Ettore Dotti, bispo da diocese de Naviraí (Brasil).

Os programas dos encontros podem ser consultados nos cartazes dos eventos e nos panfletos informativos. Divulgue, colabore e participe. •

Para mais informações, por favor contacte:
Sara Roma
925 745 649
boanovarevam@mail.telepac.pt
Pe. Amaro Ferreira
911 756 621
amaroferro@gmail.com

Boa Nova no mundo digital

O ano de 2025 trouxe a grande novidade: a presença assídua da revista Boa Nova – Atualidade Missionária no mundo digital. Além da revitalização do site, com notícias e conteúdos atualizados diariamente, a newsletter mensal e as páginas nas redes sociais Facebook e Instagram são agora uma realidade.
As novidades não ficam por aqui: caminhamos agora no sentido de disponibilizar a revista em suporte digital, acessível gratuitamente durante o primeiro ano para os assinantes em suporte papel. Queremos que a Boa Nova chegue mais longe, neste «campo missionário emergente» que é o ambiente digital. Consigo fazemos com que a nossa imprensa seja cada vez mais a nossa presença. Colabore na divulgação!

WEBSITE

Visite-nos em revista.boanova.pt e veja o que temos preparado para si. Aqui pode ver as principais notícias da atualidade, do mundo cristão e missionário, uma seleção de conteúdos publicados na revista em papel e conteúdos multimédia. Pode também subscrever a nossa newsletter e aceder às nossas redes sociais.



NEWSLETTER

A newsletter mensal leva ao e-mail de cada subscritor um resumo do que pode encontrar



na edição da revista Boa Nova, as sugestões de leitura da Editorial Missões e outros conteúdos de interesse. Para isso, basta fazer a subscrição através do site, em "Subscreva a nossa newsletter mensal".

REDES SOCIAIS

As páginas das redes sociais Facebook e Instagram da revista Boa Nova são outro meio de proximidade com os leitores, assinantes e amigos, onde são partilhados com os seguidores os conteúdos atualizados, permitindo o rápido acesso e partilha da informação disponibilizada. Através do site da revista, basta clicar em "Siga-nos nas redes sociais".





Um gesto, um dom, uma oblação.
Um pouco de vida nossa a favor da vida dos outros.

FUNDOS PERMANENTES:

03. Fundo para Catequistas

"Renovo a todos o convite à oração, ao compromisso de ajuda fraterna e concreta em apoio às jovens Igrejas, não obstante as dificuldades económicas. Tal gesto de amor e de partilha, implementado pelo precioso serviço das Obras Missionárias Pontifícias, às quais manifesto a minha gratidão, vai ajudar à formação dos sacerdotes, seminaristas e catequistas nas distantes terras de missão e dar coragem às jovens comunidades eclesiais." *Bento XVI*
Total acumulado este ano: 40,00 €

32. Assinantes Países Lusófonos (APL)

Pretendemos facilitar e ajudar os nossos irmãos dos países que falam português e não podem assinar a revista. Seria uma ajuda para poderem ler a Boa Nova: seminaristas, leigos, animadores de comunidade, leitores, acólitos e muitos outros. Pretendemos mandar a revista para Centros de Paróquias ou Missões.
Total acumulado este ano: 18,00 €

FUNDOS TEMPORÁRIOS:

92. Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações (Tg 1,27)

O abandono de idosos, muitos deles acamados e com necessidades extraordinárias de apoio em medicamentos, além de alimentação e higiene, é um flagelo social que as paróquias de Mavalane e Aeroporto, ao encargo da SMBN, têm procurado responder de forma fraterna e cristã. São atendidos neste programa 150 idosos que vivem em extrema necessidade. O objetivo é prover de alimentos, roupa, medicamentos e habitação, estes irmãos.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em março recebemos: Dr. Raul Gonzalez Benito, Lisboa, 60,00 €; Maria Manuela Mourão C. Sá, Ovar, 80,00 €.
Total acumulado: 5.864,82 €

93. Ensina-nos a rezar

A comunidade dos Missionários da Boa Nova de Nametil, com o Pe. Valdemar e o Pe. Luciano, atende 230 comunidades, com 70 mil cristãos e 15 mil catecúmenos, numa área muito vasta. O programa pastoral para o próximo triénio visa dar formação aos muitos agentes pastorais, desde a catequese à preparação litúrgica. Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em março recebemos: Maria Manuela Mourão Correia Sá, Ovar, 80,00 €.
Total acumulado: 3.002,42 €

94. Doces corações

A paróquia do Sagrado Coração do Chibuto, Diocese de Xai Xai, aos cuidados dos Missionários da Boa Nova, através da Cáritas Paroquial tem identificado várias mulheres e seus filhos portadores de VIH sida. Para além da doença, estão sujeitos ao estigma da marginalização. Para apoiar estas 40 mães e seus filhos, o Pe. Constantino Hatende e o Ir. Edgar Marques pedem a nossa ajuda para aquisição de medicamentos e alimentação.
Pretendemos apoiar com 5.000,00 €.
Em março recebemos: Maria Manuela Mourão Correia Sá, Ovar, 80,00 €.
Total acumulado: 3.150,32 €

95. Grão de Trigo

A Paróquia Maria Auxiliadora fornece assistência social e cuida através da Cáritas de várias crianças órfãs e abandonadas em dois centros da Paróquia situados em alguns dos bairros mais carenciados da cidade de Pemba: Cariacó e Natite.
A maioria destas crianças provem de famílias deslocadas pelos ataques a Cabo Delgado, e são crianças portadoras de VIH, lepra ou outras doenças crónicas. Pretende-se dar assistência social, educativa e alimentar a 100 crianças.
Pretendemos apoiar com 6.000,00 €.
Em março recebemos: Anónima, S. Paio de Oleiros, 20,00 €; Júlio Querido Rebelo, Salir de Matos, 100,00 €.
Total acumulado: 375,00 €

96. NOVO PROJETO: Dar de beber a quem tem sede

Este projeto propõe-se a ajudar o seminário da Boa Nova em Viana, Angola. Nesta casa de formação vivem 22 seminaristas de Filosofia que subsistem, em parte, do seu trabalho: criação de animais e do quintal, com apoio dum furo de cerca de 200m de profundidade. A eletrobomba queimou e os técnicos locais não conseguiram tirá-la e o furo ficou inoperante, pondo em risco sustento do seminário. Um novo furo custa 25.000€. A revista Boa Nova, com apoio dos seus assinantes, amigos e benfeitores propõe-se ajudar com 6.000€.

O valor das BOLSAS DE ESTUDO é de 750,00 € com direito a Trintário Gregoriano
(cujo estipêndio é, agora de 350,00 €), após o falecimento do Benfeitor.

Registamos com gratidão as ofertas que nos chegaram durante o mês de março de 2025 destinadas a Bolsas de Estudo.

O QUE É UMA BOLSA

É um determinado capital (na Sociedade Missionária da Boa Nova 750,00 Euros), doado de uma só vez ou aos poucos, cujo rendimento se aplica a ajudar a formação de um missionário. Os fundadores, que podem escolher o título da Bolsa, são AMIGOS DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA.

PELOS FUNDADORES

Todos os dias se reza nos Seminários da Sociedade. Por ocasião dos Fiéis Defuntos, todos os sacerdotesda Sociedade celebram uma missa por suas intenções.
Uma "Bolsa de Estudos" completa dá direito à celebração de um Trintário logo que se tenha conhecimento do falecimento da pessoa.

Março:

PE. AGOSTINHO RODRIGUES
JOSÉ DIAS PINHO.....95,00 — 235,00

S. JOSÉ E MARIA
MARIA CIDÁLIA A. FRAGOSO/GUARIM JESUS F. ..30,00 — 365,00

ARISTIDES PRATA
MARIA EMÍLIA G. F. MACHADO PRATA.....50,00 — 750,00

EM HONRA DE S. JOSÉ
MANUEL ÂNGELO RESENDE LOPES.....100,00 — 400,00

CORAÇÃO DE JESUS
MARIA EUGÉNIA TAVARES COSTA.....25,00 — 100,00

SANTA LUZIA E SÃO BRÁS
MARIA AIDA PINHEIRO C. TAV. FREITAS.....50,00 — 500,00

ARISTIDES PRATA
MARIA EMÍLIA G. F. MACHADO PRATA.....50,00

ANDRÉ MARCOS
BRUNO R., FRANCISCA, MARTIM, TOMÁS, PEDRO...60,00 — 460,00

PADRE JANUÁRIO
MARIA PEIXOTO MARTINS.....50,00 — 523,00

SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
MANUEL ALMEIDA PINHO.....750,00

ROSA ALVES JANELA
JOSÉ LOASIK MARQUES JANELA.....80,00 — 170,00

EM LOUVOR S. JOSÉ
MARIA FERNANDA PINHO ALMEIDA.....750,00

SANTO ANTÓNIO
MARIA ALICE CORREIRA PINHO GOMES COSTA...20,00 — 715,00

SANTO ELIAS
MACHADO MARIA CAROLINA.....400,00

TOTAL: 2.510,00 €

Ajude a formar um missionário

CONTACTE: COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA –
Bolsas de Estudo – Apartado 40 – 3721-908 VILA DE CUCUJÃES

PUB

CLÍNICA MÉDICA
Dr. José Belmiro, L.da
Dr.ª Adelaide Costa
PSIQUIATRIA
DOENÇAS NERVOSAS
* CLÍNICA DENTÁRIA
* CLÍNICA GERAL
* ANÁLISES CLÍNICAS
* ESPECIALIDADES MÉDICAS

Contratos com:
* MULTICARE
* C. M. OL. AZEMÉIS
* C. M. S. J. MADEIRA
* EDP * MÉDIS * ACASA
* MINISTÉRIO JUSTIÇA
* C. G. DEPÓSITOS
* SAMS-ADVANCE CARE
* CTT * TELECOM
* MODELO * FEIRA NOVA
* PINGO DOCE
* NESTLÉ * LACTOGAL
* CIMPOR * TRECAR

DEPARTAMENTO DE IMPLANTES DENTÁRIOS E ORTODONTIA:
- IMPLANTES DE ELEVADA QUALIDADE A PREÇOS ACESSÍVEIS
- TRABALHOS COM GARANTIA
- FACILIDADE DE PAGAMENTO
- ORÇAMENTOS GRATUITOS

Rua 5 de Outubro, 395-2 S. JOÃO DA MADEIRA **Telef.: 256 827 477**
Rua Elias Garcia, 140-1.º OVAR **Telef.: 256 575 509**
Rua das Lagomas S. ROQUE **Telef.: 256 872 898**
Centro Comercial Camões - Loja 1.7 OLIVEIRA DE AZEMÉIS **Telef.: 256 681 759**

CONSULTAS ATÉ ÀS 20H00 E AOS SÁBADOS TODO O DIA

Acabaram as Missões?

◊ **Pe. Augusto Farias**
Administrador da Boa Nova



Fotos: Boa Nova

▲ **Ir. Isabel de Sousa com uma Irmã Missionária da Caridade de S. Teresa de Calcutá. A ajuda espiritual e material é fundamental para as missionárias e missionários na linha da frente**

Hoje fala-se muito em Missão. Tudo é Missão. Mesmo para quem está em casa e se recusa a ir atender uma pessoa que esteja à porta. E também fala em Missão. Estamos a estragar os conceitos. E de tanto falar, até se esquecem as Missões. Já pouco se fala nisso. E, entretanto, são as Missões que fazem a Missão.

Sou do tempo em que muitas pessoas, a começar pelas crianças, vibravam com as Missões. Talvez houvesse, também à mistura, algum paternalismo, mas a ideia era ajudar os que mais precisavam e levar mais longe o Evangelho de Jesus. E para isso havia mobilização geral em muitas paróquias e dioceses. Os colaboradores da Sociedade Missionária faziam campanhas para angariação de fundos, tardes e horas santas a rezar pelos missionários e pelas vocações, dias missionários paroquiais onde se escutava com prazer relatos das frentes da Missão. Muitas dessas pessoas já partiram. Gente com alma missionária!

Mas a chama não se apagou. Tenho encontrado pessoas e grupos, ligados a nós, Missionários da Boa Nova e a outros Institutos, que sentem e mostram uma verdadeira paixão pelas Missões. Dedicam-se a esta causa, mesmo nos seus ambientes, de alma e coração. Outros, talvez de forma mais discreta, e até dinamizados pelas páginas da revista Boa Nova

e da nossa Voz da Missão, dão também uma enorme colaboração e apoio à causa missionária. É o caso das pessoas que colaboram para os diversos projetos que a revista Boa Nova promove a favor de situações, por vezes gritantes, que encontram eco no coração de muita gente, e também na colaboração para a formação de novos missionários através de bolsas de estudo.

Estes dias, recebi três cartas, de lugares bem distantes uns dos outros, com alguns donativos para as Missões. Uma delas trazia uma doação avultada. E todas diziam que atribuísse esses fundos para as situações que julgasse mais prementes e de maior necessidade. Esta confiança e desejo de ajudar os mais pobres do mundo denotam que o amor às Missões ainda está vivo no coração de muita gente boa da nossa terra. Esses donativos já estão a caminho dos seus destinos.

Mas queria sublinhar, mais uma vez, que todos vós que, pela vossa oração, ajuda material e apoio espiritual, o fazeis em sintonia com os Missionários da Boa Nova, connosco sois também missionários, porque participais da Missão que lhe foi confiada pela Igreja. Sois os missionários da retaguarda. Fazeis parte da Família Boa Nova e, como tal, participantes das suas bênçãos e méritos. Também nós vos lembramos todos os dias e vos incluímos na oração e preocupação. É nesta comunhão que nos tornamos todos mais fortes e comprometidos com a Igreja de Jesus de que fazemos parte e queremos ver crescer ao serviço do anúncio do Evangelho.

Mas precisamos de alargar mais essa inquietação missionária num tempo em que parece que as Missões já estão fora de moda. Hoje são diferentes as formas de agir, mas a Missão é sempre a mesma. Por aqui também passa a renovação da Igreja, das nossas famílias, comunidades e paróquias. São particularmente os grupos missionários paroquiais que hoje são chamados a criar essa consciência e responsabilidade nas comunidades cristãs. Todos unidos vamos recuperar uma tradição que deve manter-se para que a Igreja continue sempre a sua missão evangelizadora. •



▲ **Pe. Luciano, missionário em Nametil, Arquidiocese de Nampula, Moçambique, tem contado com ajudas dos leitores da Boa Nova para a missão**



▲ **Todos os que pela oração, ajuda material e apoio espiritual, colaboram com os Missionários da Boa Nova, são connosco missionários**

Pensamento

Perdoar é libertar o prisioneiro e descobrir que o prisioneiro era você.

◊ **Robert Muller**

Foto

FRANCISCO
O Papa Francisco acenando pela primeira vez na varanda da Basílica de São Pedro, no Vaticano, a 13 de março de 2013. O Cardeal Jorge Bergoglio acabava de ser eleito o 266.º papa da Igreja Católica.

◊ **EPA/LUSA**



EPA/LUSA

Anedotas

VAGA NA EMPRESA:
A filha entra no escritório do pai de mãos dadas com o marido:
– Pai, é verdade que o contabilista morreu?
– É filha, infelizmente é.
– O que é que dizes de pôr o meu marido no lugar dele?
– Isso é uma questão de falares com o pessoal da funerária mas por mim tudo bem.

DEPOIS DE UMA CORRIDA O MARIDO DIZ PARA A MULHER:
– Credo, estou morto.
– E a julgar pelo cheiro não é de hoje.

A FILHA PERGUNTA À MÃE:
– Mãe, o que é que são calorias?
– São bichinhos pequenos que no inverno entram no meu armário e apertam-me as roupas todas!

◊ **saberviver.pt**

Peregrinação Missionária

FÁTIMA
14 e 15
de junho
2025



MISSIONÁRIOS COM MARIA, AO ENCONTRO DA ESPERANÇA

Dia 14 de Junho (Sábado):

14h30 – Sessão Missionária no auditório do Centro Pastoral Paulo VI
17h00 – Concentração (Cruz Alta) e saudação a Nossa Senhora na Capelinha
18h00 – Eucaristia na Basílica da SS. Trindade
21h30 – Terço e procissão de velas

Dia 15 de Junho (Domingo):

07h00 – Via sacra nos Valinhos
10h00 – Terço na capelinha das aparições
11h00 - Eucaristia no recinto e procissão de adeus

DEPARTAMENTO DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA SMBN
Sara – 925 745 649 | 256899350
P. Amaro Ferreira – 911 756 621

SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA

todos

Together

TODOS

EU 2025



PEREGRINOS DE ESPERANÇA

